

fimp'17

Marionetas tradicionais de um país que não existe

Teatro de Ferro

Mosteiro de São Bento da Vitória
29 Out, 16h
Duração: 50'
M6



No domingo, 29 de Outubro, propomos uma Sessão Descontraída de Marionetas tradicionais de um país que não existe.

O que é uma Sessão Descontraída?

As sessões descontraídas são sessões de teatro, dança, cinema ou outro tipo de oferta cultural que decorrem numa atmosfera mais descontraída e acolhedora e com regras mais tolerantes no que diz respeito ao movimento e ao barulho na plateia. Podem ainda implicar pequenos ajustes no espetáculo (iluminação, som, etc.) e no acolhimento do público, para melhor se adaptarem às suas necessidades.

Destinam-se a todos os indivíduos e famílias que preferem ou beneficiam de um ambiente mais descontraído num espaço cultural (por exemplo, pessoas com défice de atenção, pessoas com deficiência intelectual, pessoas com condições do espectro autista, pessoas com deficiências sensoriais ou de comunicação).

As sessões descontraídas procuram reduzir os níveis de ansiedade e tornar a experiência mais agradável. São uma colaboração entre teatros, equipas artísticas, pais, cuidadores e acompanhantes para que todas as pessoas possam usufruir do mesmo espetáculo. Por essa razão, aconselhamos que sejam seguidas as indicações de faixa etária dos espetáculos.

Bem-vindos ao Mosteiro de São Bento da Vitória

Vamos ao teatro ver um espetáculo chamado
Marionetas tradicionais de um país que não existe

Entrada principal do Mosteiro de São Bento da Vitória
Rua São Bento da Vitória, 45,
4050-139 Porto



Este é o átrio. É um espaço muito
movimentado onde podemos encontrar
a bilheteira.



Junto à bilheteira encontramos os
assistentes de sala, que nos recebem
e indicam o caminho para a sala de
espetáculo. Os assistentes de sala estão
no teatro para nos ajudar e esclarecer as
nossas dúvidas.



Esta é a sala de espetáculo. Antes de começar, a sala fica mais escura e pedem-nos para não tirarmos fotografias nem fazermos vídeos.

Se por alguma razão nos sentirmos desconfortáveis, podemos sair da sala e pedir ajuda a um assistente de sala.



Que história nos conta

Marionetas tradicionais de um país que não existe ?

Pedimos ajuda aos nossos amigos fantoches. Os fantoches são pau para toda a obra e têm orgulho nisso. Eles ocuparam as mais diversas posições: de mediadores entre humanos e coisas a facilitadores (que por vezes só complicam!) das relações entre os humanos. Eles manifestam-se também como materializações de zonas obscuras e primitivas da nossa mente e do nosso imaginário colectivo. Os bonecos de luva são isto tudo e muito mais. A sua plasticidade manifesta-se na resistência que oferecem a ocupar uma posição perfeitamente estabelecida numa determinada ordem das coisas. É mais uma lição que nos dão.

Servimo-nos de alguns elementos e ferramentas da marioneta tradicional portuguesa e dos seus irmãos europeus, americanos, africanos e asiáticos para tentar pôr em prática esta forma-nova, ainda não inventada, e que nasceria de um mundo globalizado. A transformação está em curso há umas boas centenas de anos e as dores de crescimento têm sido, por vezes, bem violentas. Os fantoches têm historicamente dado voz (e que voz!) às ansiedades que esta metamorfose tem trazido consigo. A velocidade a que os humanos, as mercadorias, os capitais financeiros e a informação se deslocam actualmente é a constante a partir da qual esta tradição de um país que não existe se sedimenta – e se consolida no movimento erosivo do mundo globalizado. Este mundo em trânsito é, em muitos aspectos, mais complexo do que o mundo que as tradições marionetísticas conheceram no tempo da sua génese.

Neste País Que Não Existe, ponto de partida e destino da nossa viagem, o boneco de luva regressa para nos ajudar a tentar reflectir sobre o lugar que ocupamos – que desejamos ocupar – nessa complexificação. É uma viagem sem lugares marcados.

Escolhemos iniciar a jornada no sítio onde começam tantas outras. Um aeroporto imaginário. Este espaço-corpo-sistema representa bem o nosso potencial como espécie que domina a técnica, capaz de produzir e de se organizar em grande escala, na medida terrestre, claro.

É também o lugar onde podemos observar certas tendências, muitas vezes contraditórias, que ilustram um momento histórico... O aeroporto assemelha-se cada vez mais a uma cidade, também na medida em que as cidades se assemelham cada vez mais a aeroportos. As mesmas lojas, as mesmas lógicas, a mesma relação entre vigilância e hedonismo de baixo custo – entenda-se, de baixo investimento vital.

Algumas imagens do espetáculo



Um aeroporto imaginário. Este espaço-corpo-sistema que representa bem o nosso potencial como espécie que domina a técnica, capaz de produzir e de se organizar em grande escala. É também o lugar onde podemos observar certas tendências, muitas vezes contraditórias, que ilustram um momento histórico. Com a ajuda do boneco de luva e outras expressões marionetísticas procuraremos reflectir sobre o lugar que ocupamos – que desejamos ocupar – nessa complexificação.

Ao longo do espetáculo, veremos que a iluminação fica mais e menos forte. Haverá também variações na intensidade do som. Se nos sentirmos desconfortáveis com isto, podemos fechar os olhos ou sair da sala e voltar a entrar mais tarde. Em alguns momentos, ouviremos o tom de uma palheta. Este instrumento muda a voz de uma pessoa, que fica mais aguda.

**Encenação, cenografia e marionetas**

Igor Gandra

Música

Michael Nick

Movimento e assistência de encenação

Carla Veloso

Realização plástica

Eduardo Mendes

Caraterização

Ricardo Graça

Interpretação

Diogo Martins, Dóris Marcos, Filipe Moreira e Gisela Matos

Participação especial do 2º Ano de Teatro do Balleteatro EP

Ana Costa, Ana Granja, Ana Queirós, Ana Santos, André Vigário, Catarina Pinto, Daniela Cula, Débora Barreto, Filipa Silva, Maria Lopes, Maria Rocha, Mariana Lamego, Marta Teixeira, Marta Panelas, Matilde Maia, Matilde Maciel, Matilde Gandra, Miguel Batista, Rafael Magalhães, Renata Couto, Ricardo Mascarenhas, Rita Faria, Sofia Silva, Sofia Marques

Desenho de luz

Mariana Figueroa, TdF

Fotografia de cena

Susana Neves

Oficina de construção

Eduardo Mendes, Luísa Natário, Bruno Dias (Estagiário ISCE Douro), Daniela Gomes, Carlota Gandra, Nádia Soares (Estagiária E.P. Centro Juvenil de Campanhã) e Américo Castanheira / Tudo Faço

Apoios

NVending, Milinanda, ANA – Aeroportos de Portugal, IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

Parceria

Balleteatro

Coprodução

Teatro de Ferro, Teatro Nacional São João

Estrutura financiada por

República Portuguesa – Ministério da Cultura / DGArtes

www.teatrodeferro.com
